**AS PERCEPÇÕES DE UM PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA:**

**COMO ELE RELACIONA SUA ATUAÇÃO NO LAZER**

Eixo temático: 7. Lazer, formação e atuação profissional

Classificação: Pesquisa Científica

**Resumo**

Garantido como direito social de todos os cidadãos desde o século passado o lazer ainda é tema de muitas discussões, embora tenham avançado nos últimos anos, dada sua inserção e intervenções educativas na sociedade brasileira, passando a ocupar maior centralidade na vida das pessoas. O crescimento da esfera do lazer, que não raramente vincula-se as práticas corporais necessitando assim, da presença de um professor de Educação Física (EFI), interferiu no processo de formação e atuação desses profissionais. Assim guiadas pelos olhos da pesquisa qualitativa através de observações participantes, entrevista e diários de campo buscamos compreender como um profissional da EFI entende sua atuação no campo do lazer. Compreendemos, partindo dos entendimentos de lazer presentes na literatura e das informações empíricas, que o profissional de EFI estudado não se percebe como atuante no lazer, já que relaciona esse tempo/espaço como recreação e pela execução de tarefas.

**Palavras-chave:** Lazer. Profissional. Formação. Atuação. Compressão.

**Introdução**

Embora anos tenham se passado desde o reconhecimento do lazer como direito social, bem como o número de estudos sobre a temática tenha aumentado, o lazer ainda é um tema polêmico e que conta com inúmeras problematizações (CAPI, 2006). O termo lazer foi incorporado ao linguajar comum pelos brasileiros aliado ao entendimento desse aspecto relevante da vida próximo aos anos 70, o que em 1988 culminou na inserção dele com direito social garantido a todos os cidadãos na Constituição vigente até os dias atuais.

A partir de então intervenções educativas foram incorporadas ao cenário do país, as quais intensificaram-se com os passar dos anos (CAPI, 2006), modificando a percepção das pessoas em relação a esse momento de suas vidas. Não obstante, Stigger (2009) chama atenção ao fato de que não devemos pensar no lazer como uma dimensão da vida entre parênteses. De acordo com o autor, não devemos considerá-lo como “a antítese da vida cotidiana, mas como a sua continuação” (STIGGER, 2009, p. 86). Sendo assim, o lazer não deve ser identificado como ‘residual’, mas ‘central’ na vida das pessoas.

Diante desse cenário, o crescimento das práticas de lazer fica evidente quando direcionamos nosso olhar para as ocupações cada vez maiores de espaços públicos e privados que proporcionam vivências de lazer, como por exemplo, corrida, yoga, atividades funcionais realizadas em praças, parques e academias. Em se tratando de atividades que envolvem o corpo, muitas dessas práticas de lazer, estão vinculadas ao campo da Educação Física (EFI) e requerem a presença de um profissional da área.

**Referencial teórico: problematizações da formação do profissional do lazer**

O crescimento do campo do lazer impactou em alterações na formação dos profissionais da EFI, como aponta Santos (2011, p. 16):

existe uma tendência à comercialização das propostas de formação profissional, pois o lazer é focalizado como um filão do mercado que abre grandes possibilidades de ganhos.

Essa tendência culmina na instrumentalização desse profissional, ou seja, a aprendizagem é voltada para as “receitas de jogos e brincadeiras” (SANTOS, 2011, p. 19). O que direciona a atuação para uma espécie de reprodução técnica que possibilita atuar em diferentes espaços, sejam hotéis, campings ou clubes, resultando, portanto, em uma intervenção com diferentes públicos. A enorme variedade de possibilidades de atuação acaba regulando o profissional, ou seja, o mercado influencia na formação dos profissionais do lazer, onde muito são atraídos pelas possibilidades lucrativas da área (SANTOS, 2011).

Porém, a formação não se restringe ao ambiente acadêmico, mas se estende as experiências obtidas na carreira profissional e pela vida pessoal, as quais constituem-se parte desse processo, como fica evidente no trecho que segue:

essa formação propriamente dita depende da história de vida do sujeito; das trajetórias pessoal, familiar, e profissional de cada um; da formação acadêmica através das relações de convívio; dos conteúdos e das técnicas apreendidos (ISAYAMA; SANTOS, 2018, p. 97).

O fato de o mercado atuar como regulador desse profissional e dadas as possibilidades lucrativas do campo do lazer culminarem nos mais variados cursos, não raras as vezes, de forma rápida e técnica, resultam na formação de profissionais com habilidades específicas. Santos (2011) explica essa situação a partir dos ensinamentos de Isayama (2005) o qual identifica duas perspectivas formativas no campo do lazer: uma voltadas ao ensino técnico, com domínio dos conteúdos específicos e metodologias; e outra com a formação centrada no conhecimento, na cultura e na crítica, construindo saberes e competências. Como é possível identificar no trecho de Santos:

não é raro encontrar espaços de formação que privilegiem a prática em detrimento da fundamentação teórica ou que desvinculem a prática à teoria de uma forma dicotomizada. (...) ao desconhecer a teoria que fundamenta sua intervenção, o profissional, além de confundir a prática do lazer com a prática de que o lazer requer, não estabelece uma prática e sim um tarefismo (...) é preciso superar a tendência de se relacionar as práticas com a recreação e as teorias do lazer (2011, p. 69).

De longa data existe uma ideia de que para atuar no lazer é necessário ter um dom e que os saberes práticos são suficientes para a atuação, porém contrariamente a esse conceito é de ímpar importância a ampliação acerca da compreensão do processo de formação, em que são necessários laços entre os ditos saberes práticos e os teóricos, possibilitados pela pesquisa e pela formação cultural desses sujeitos (ISAYAMA; SANTOS, 2018). O processo formativo é igualmente necessário no âmbito do lazer para além da execução de uma tarefa ou concretização de uma programação, mas é necessário para que sejam feitos planejamentos, organização e avaliação das vivências, bem como coordenação e supervisão de projetos. Portanto, a competência técnica, a sensibilidade e o compromisso político são o ponto da emancipação dos sujeitos (ISAYAMA; SANTOS, 2018).

Historicamente o lazer é visto como a ‘teoria’ e a recreação como a ‘prática’, porém para Santos (2011) é necessário superar essa tendência, formando profissionais articulados com a prática e com a teoria, sendo “simultaneamente trabalhados e de forma indissociável” (TARDIF, 2008 apud SANTOS, 2011, p. 70). Uma das formas de superar esse conceito para Isayama e Santos (2018) é pensando as vivências de lazer existentes e assim reformulando para posteriormente aplicar a teoria baseada na realidade, rompendo a dicotomia teoria-prática.

**Objetivo**

Atentas a esse contexto, nosso objetivo é **compreender como um profissional de EFI operante no lazer percebe sua atuação**.

**Metodologia**

Para realizar a pesquisa nos apoiamos nos preceitos das metodologias qualitativas, em especial, propostas pelos autores Rocha e Eckert (2013), Velho (1978, 1980), Magnani (2003) e Oliven (2007). Para esses autores, a lógica qualitativa, apesar de possuir diferentes formas de construção do conhecimento, implica na necessidade de compreender a situação estudada a partir de “um olhar distanciado, indispensável para ampliar os horizontes da análise e complementar a perspectiva de perto e de dentro” (MAGNANI, 2003, p. 11).

A pesquisa construiu-se laçando mão de algumas das ferramentas propostas por esses autores, dentre elas optamos pela entrevista que, somada as observações, auxiliou na composição do conhecimento e do entendimento sobre o profissional estudado. Esse profissional foi escolhido por atuar em diferentes espaços de lazer com atividades físicas e esporte. Além disso, a proximidade que tinha com uma das pesquisadoras possibilitou a permissão para acompanharmos suas atividades profissionais. Assim, iniciamos a pesquisa com observações que resultaram em informações sobre os acontecimentos cotidianos, as quais nos levaram a compreender as dinâmicas dos contextos estudados. Após cada observação, redigimos diários de campo, os quais são repletos de descrições dos fatos, de sentimentos e interpretações das pesquisadoras. Por fim, realizamos uma entrevista semiestruturada com esse profissional, na qual o roteiro abordava questionamentos sobre sua formação, passando pelos seus espaços de atuação e como se dá a relação com os alunos.

**Resultados: as possibilidades de atuação e as percepções de um profissional de Educação Física sobre lazer**

A atuação do profissional de EFI no campo do lazer é abrangente e sua intervenção pode ocorrer em instituições públicas governamentais, públicas não-governamentais, privadas e corporativas (CAPI, 2006, p. 43). Um importante espaço de atuação dos profissionais de EFI no prisma do lazer encontra-se nos clubes, contudo Capi (2006) aponta que poucos possuem políticas ou diretrizes relacionadas ao lazer. O que leva os profissionais da EFI que atuam no lazer, em especial nos clubes, a exercerem “diversas funções, na qual cada um possui uma especificidade envolvendo uma diversidade de domínios, fundamentos, competências e habilidades” (CAPI, 2006, p. 36). Dentre as quais Capi (2006) elenca: professor de esportes - natação, tênis, judô, futsal, vôlei, basquete, handebol -, atividades físicas - musculação, ginástica, yôga -, dança - axé, forró, samba -, entre outras nomenclaturas como monitor, recreacionista, ‘tio’, no caso das colônias de férias e acantonamentos.

Tomando como base essa diversidade de funções e denominações o autor propõe que:

em conjunto com uma visão parcial da dimensão do lazer, ou seja, uma limitação do seu entendimento, não permitindo que ele o entenda como manifestação humana experimentada ou assistida no tempo disponível, corrobora para que sua ação nas diversas áreas existentes nesse setor seja limitada. Esses fatores contribuem para a disseminação da idéia de que nos clubes só há possibilidade para o desenvolvimento das atividades físico-esportivos e sociais, como se elas fossem os únicos conteúdos capazes de promover o lazer nesses espaços (CAPI, 2006, p. 37).

Essa visão parcial da dimensão do lazer apontada pelo autor corrobora com os apontamentos de Santos (2011) quando a autora identifica que existem espaços de formação que tratam da ‘teoria’ e da ‘prática’ de formas separadas, como senão dialogassem. Além disso, ela sugere que essa separação acaba culminado em um tarefismo por parte do profissional atuante nos espaços destinados aos momentos de lazer e não em uma prática fundamentada.

Direcionando o olhar ao profissional estudado que atua em espaços de lazer iniciamos por sua formação no prisma da EFI que se deu há mais de 18 anos, além de cursos realizados em áreas como do treinamento funcional e do empreendedorismo ao longo de sua trajetória. Tendo passado por alguns espaços de atuação atualmente ele exerce sua profissão em três espaços principais. O primeiro deles como *personal trainer* em lugares privados, públicos ou mesmo na residência dos alunos. O segundo espaço de atuação é em uma tradicional Assessoria Esportiva na área do triatlo competitivo da capital gaúcha. Por fim, em um ambiente como professor de natação infantil em uma Associação de Porto Alegre, que se caracteriza por ser um clube recreativo.

Durante a entrevista quando questionado se ele entendia que seus alunos estavam em seu momento de lazer durante suas práticas ele respondeu da seguinte forma:

Sim, eu vejo isso no público infantil e na competição também, no triatlo lá tem muita gente que vai pro lazer. E muitas vezes se entra numa atividade física por um motivo, mas se permanece por outro (...) tu continua lá pelas relações, pela relação sócio afetiva que promove. Então hoje eu diria que o que traz para o esporte é a necessidade e o que mantem são as pessoas, o que mantêm são essas relações que acabam acontecendo lá (Entrevista realizada no dia 9/11/2018).

Entendemos que pelo fato de seus alunos estarem em seu momento de lazer, podemos considera-lo um profissional que atua no âmbito do lazer e assim questionamos se ele também possui esse mesmo entendimento e sua resposta foi:

Não. Não, não consigo me ver como um profissional do lazer. Porque na maioria das vezes não é o que eles compram, aí eu caio na questão do profissional de Educação Física, eles não compraram isso (...). A gente tem que promover isso também, mas eu acho que não é só o lazer. Muita gente tem a questão do lazer, (...) lá na equipe eu vejo isso, no personal eu vejo um pouco de lazer, mas é menos, (...) mas lá na Assessoria com a equipe e com as crianças tem um pouquinho mais, com as crianças mais ainda né, eu nem tinha chegado neles ainda na questão do lazer. (Entrevista realizada no dia 9/11/2018).

Esse excerto nos permite compreender que o informante dessa pesquisa não se entende como um profissional que atua no momento de lazer das pessoas, possivelmente pelas inúmeras possibilidades de atuação ou mesmo pelas considerações feitas por Capi (2006), relacionadas a visão parcial dos profissionais da área sobre a temática. Entendimento esse reforçado pela formação apontada por Santos (2011) a partir de receitas prontas e pautadas pela tarefismo, bem como pela separação entre ‘teoria’ e ‘prática’. Na tentativa de aprofundar o diálogo e para melhor compreender o profissional lhe foi perguntado qual o seu entendimento sobre lazer:

Lazer para mim, na opinião não como praticante da atividade física que eu me proponho a dar aula [...] eu não consigo, eu como praticante de triatlo e isso ser um lazer, acho que isso é uma forma de desopilar, uma forma de liberar a adrenalina, de tirar a cabeça das funções do dia a dia [...] Para mim é tudo muito técnico, muito matemático, muito sistemático, então acaba se tornando complicado de eu ver o lazer nessa atividade. O lazer para mim, dentro da piscina, é quando eu pego meu filho e vou brincar com ele aí, mas agora se eu vou nadar, para mim já não é mais lazer, é uma obrigação como comer, dormir, como qualquer outra coisa do dia. Até o lazer como fazer um churrasco com a família é uma obrigação, mas no meu caso também é um lazer porque eu juntei outros componentes, tive outros elementos da minha família. Quando eu saio para pedalar com alguns amigos, não com todos, eu tenho algumas turmas que eu saio para pedalar, com alguns é lazer e com outros, muitas vezes é uma competição. Então, pode ser, é divertido, pode ser, acho que tem um “q” de lazer, mas não consigo enxergar 100% como lazer. Por exemplo, vou sair para pedalar sozinho, para mim não é um lazer, é uma obrigação. Estou a série na cabeça, sei quanto eu tenho que fazer, como eu tenho que fazer, eu tenho um monitor que mede a frequência cardíaca, tem uma série de coisas que eu uso, uma metodologia toda em cima, então acaba perdendo um pouco essa coisa de sair para pedalar para se divertir, por exemplo (Entrevista realizada no dia 9/11/2018).

Sua visão, como sugerem os autores, leva-o a considerar essa esfera da vida como vinculada ao divertimento e deixando de lado a quebra das rotinas diárias, bem como a busca da excitação tão relevantes no lazer, e que parecem ser desconhecidas pelo profissional. Essa ideia um tanto reduzida em relação ao âmbito do lazer é perceptível em diferentes momentos da fala do profissional, embora ele aponte, de acordo com seu entendimento, que alguns dos seus alunos estão no momento de lazer. Porém, mesmo levando em consideração esse apontamento o profissional não relaciona sua atuação ao campo do lazer, como evidência o trecho que segue:

levando em conta o meu trabalho na Assessoria e no meu trabalho como personal tá, vamos tirar a questão da natação, porque daí é atuação na área infantil e eu acho que sim é bem isso aí mesmo [os alunos estão em seu momento de lazer]. Eu não me considero um profissional do lazer porque dentro das minhas propostas de trabalho eu não incluo nada muito fora do que é técnico. Como eu vou te explicar, por exemplo um cara vai correr lá X metros, eu levo água, eu levo o cronometro, levo algumas coisas para eles, mas não me preocupo em entreter como lazer (Entrevista realizada no dia 9/11/2018).

Contudo, essa dificuldade de entendermos os professores de Educação Física que atuam como profissionais do lazer, acontece tanto na visão das pessoas que têm contato direto com as atividades, quanto pelos próprios profissionais da área. Capi (2006) aponta que isso ocorre desde o surgimento da profissionalização do trabalho na área de lazer, que se iniciou com a chegada da ACM (Associação Cristã de Moços) e, também, pelo menos há 65 anos com implantação do Sesc e Sesi no país. Mesmo com um longo tempo de atuação no mercado, a realidade do profissional de lazer ainda é pouco reconhecida. O autor sugere que algumas peculiaridades da atuação dos profissionais de EFI no lazer frente “as inúmeras ‘interfaces’ e ‘inter-relações’ do lazer com os diferentes fenômenos sociais, contribuem para uma dispersão dos profissionais associando-os diretamente ao tipo de organização em que atuam e não ao tipo de tarefa que exercem” (CAPI, 2006, p. 38).

O entrevistado ainda sugere que as atividades físicas não se encontram dentro do prisma do lazer, mas que elas se caracterizam como um compromisso, tanto do praticante com ele mesmo, quando do professor com seu aluno, reforçando ainda mais a ideia de uma tarefa apontada pelos estudiosos da área. Ele afirma que não organiza suas aulas e treinamentos com propostas que sejam direcionadas ao lazer, partindo da ideia de que lazer e recreação se assemelham.

a não ser que seja na recreação e lazer eu não planejo nada relacionado a lazer, e sim eu planejo relacionado a atividade física. Talvez na percepção do cliente ou do aluno isso seja lazer e até acho que algumas vezes é, mas para mim não é, é um momento de, que eu vou passar um ensinamento para ele (Entrevista realizada no dia 9/11/2018).

Essa visão sobre os aspectos do lazer precisa ser ampliada, passando a oferecer maiores entendimentos aos profissionais que atuam na área, como sugere Capi (2006) “esse processo encontra algumas barreiras a serem superadas e, uma delas é a má formação do profissional de Educação Física que atua no campo do lazer” (p. 40). Para possibilitar tais entendimentos é preciso ainda proporcionar ao profissional conhecimentos sobre o seu contexto sociocultural, contribuindo para que as pessoas envolvidas nas atividades tenham mais criticidade quanto à ordem vigente, superando, assim, a “perspectiva tradicional de lazer”, que se caracteriza por contribuir e reforçar os valores da ideologia dominante, levando os profissionais a desenvolverem práticas que não possibilitam envolvimentos críticos, criativos e conscientes dos participantes (ISAYAMA, 2003).

Além disso, é preciso despertar nos profissionais uma atuação consciente, pois seu papel vai além da reprodução de movimentos ou apenas transmissão de informação, é necessária uma compreensão mais ampla das questões relativas ao lazer e de seu significado para o ser humano, visto que na sociedade contemporânea a manifestação do lazer é colocada como reivindicação social cada vez mais exigente (CAPI, 2006) e percebida cada vez mais como algo central no cotidiano.

**Considerações Finais**

Mesmo que o lazer faça parte da vida dos brasileiros há muitos anos alguns passos ainda precisam ser realizados em busca de uma melhor compreensão das dimensões do lazer na vida cotidiana. É necessário tornar claro o entendimento de que ele se trata de uma continuação da vida, representando uma centralidade e não devendo ser tratado como residual. Tais entendimentos têm de ser abordados de forma mais aprofundada e com maior relevância no momento de formação dos profissionais que irão atuar na área. Assim, esses profissionais munidos de conhecimento possam elaborar e atuar aliando ‘teoria’ e ‘prática’, e então, transmitir aos seus alunos a relevância desse âmbito.

Tratando-se de um estudo que teve como profissional estudado alguém formado há quase vinte anos os conceitos adquiridos na universidade advêm desse período, mas em alguma medida sofreram modificações. O sujeito investigado, portanto, traz consigo um entendimento sobre lazer que perdurou na sociedade e que vem sendo reconsiderado ao longo dos anos. O processo de compreensão do lazer enquanto manifestação da dimensão humana conta com modificações, no meio acadêmico essas mudanças advêm das teorias clássicas do lazer e pelos estudos contemporâneos sobre a temática. Dentre as conceituações propostas pelo profissional estudado existe uma confusão entre lazer e recreação, como se elas se assimilassem ou fossem iguais, além de pautar sua atuação pela execução de tarefas, já que não considera o lazer como uma dimensão do seu trabalho. Para ele lazer se aproxima da noção de entretenimento e as práticas corporais com que trabalha não poderiam se encaixar nessa noção devido suas exigências de performance, obrigatoriedade e investimentos.

Por fim, finalizarmos esse trabalho apontando a importância de formação para os profissionais de Educação Física em relação as questões do lazer, já que esses profissionais atuam em diversos espaços/tempos de lazer da vida das pessoas.

**Referências**

CAPI, A. H. C. **Lazer e Esporte nos Clubes Social-Recreativos de Araraquara.** 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

ISAYAMA, F. H. O profissional da Educação Física como intelectual: Atuação  
no âmbito do lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). Formação edesenvolvimento de pessoal em lazer e esporte, Campinas: Papirus, 2003

ISAYAMA, H.F.; SANTOS, C.A.N.L. Reflexões sobre a formação profissional em lazer no Brasil. In: SILVA, J.V.P.; MOREIRA, W.W. **LAZER E ESPORTE NO SÉCULO XXI:**NOVIDADES NO HORIZONTE?. Curitiba: Intersaberes, 2018. Cap. 4. p. 95-123.

MAGNANI, J.G.C. A rede de lazer. In: MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. 3.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003. p. 101-138.

OLIVEN, R.G. **A Antropologia dos Grupos Urbanos.**6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROCHA, A.L.C.; ECKERT, C. Etnografia da e na cidade, saberes e práticas. In: ROCHA, A.L.C.; ECKERT, C. **Antropologia da e na cidade:** interpretações saber as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. p. 53-80.

SANTOS, C. A. N. L. **O currículo dos cursos técnicos de lazer no Brasil:** um estudo de caso da formação profissional. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, B. B. **Profissional de Educação Física e a atuação no lazer:**caminhos, trajetórias e conhecimentos. 2018. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

STIGGER, M. P. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p.73-88, jan. 2009.

VELHO, G. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: Velho, G. **O desafio da cidade:** novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campos, 1980. p. 13-20.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E.O. **A Aventura Sociológica:**Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.